

UM DOS NOMES INVENTADOS PARA O AMOR



MARCO SEVERO

*Um dos nomes
inventados para o amor*

Novela



*Para o meu editor, Nathan Matos Magalhães.
Não satisfeito em ser um grande amigo,
é também uma das melhores pessoas dos livros
e um ser humano imenso.*



*Não faça concessões a si mesmo.
Você é a única coisa que você tem.*

Janis Joplin



Resolvi comprar as primeiras piranhas quando soube que meu marido havia decidido que iríamos nos mudar para um sítio no interior que eu nem sabia que ele tinha. Comprei num leilão da Polícia Federal e decidi lhe fazer uma surpresa, ele disse pra mim durante o jantar, na sala de casa. Eu limpei a boca com o guardanapo de pano e me levantei da mesa sem dizer uma só palavra. Que é que houve, Cacilda, não gostou da surpresa?, foi a reação dele, afastando a cadeira da mesa num impulso com os pés. Aquela pergunta me pareceu uma provocação. Parece que o tal do sítio pertencera a um dono de empresas de ônibus do Rio de Janeiro. Depois que o cara foi preso, tudo que ele havia adquirido com dinheiro de esquema fora a leilão e Josualdo comprara a propriedade às escondidas, “por um precinho ótimo”, fizera questão de acrescentar, como se tivesse comprado a realização de um sonho numa liquidação. Olhei para ele com

o mesmo semblante de interesse de uma criança de seis anos levada para comemorar seu aniversário em um jantar de negócios. Então, explodi: Como assim, Josualdo, como assim você solta uma pergunta dessas?! Logo eu, que fui batizada em homenagem a uma grande atriz brasileira, que nasci para o palco, para os holofotes, para a visibilidade, e você quer me levar pra morar dentro dos matos? Só você sendo muito louco pra achar que eu vou me enfiar no meio do nada, Josualdo. Perdeu a noção de tudo, só pode! Quer me fazer surpresa? Compre um apartamento em Paris, em Nova York, até na Toscana serve. Mas nos confins do interior de São Paulo é demais! Ele já estava acostumado aos meus espetáculos. Nem piscou enquanto eu praticamente cuspia fúria na cara dele, o filhodaputa. Esperou alguns segundos para ver se eu não ia dizer mais nada. Então, ele disse apenas, Continuaremos a vir para a cidade, meu amor. Só não moraremos mais aqui. Estamos ambos ficando velhos, os negócios estão indo bem, já chegamos àquele momento em que seria interessante termos o nosso cantinho afastado do barulho, da poluição, cultivar nossa pequena horta, plantar tomate-cereja, coentro, capim-limão, tudo sem esses agrotóxicos que vão acabar nos dando um câncer de presente antes dos sessenta anos...

Eu juro que não entendia aquele discurso do Josualdo. Velhos? Era assim que ele queria que eu me sentisse aos quarenta e seis anos? Eu não me sentia velha em absolutamente nada. A vitalidade percorria meu corpo de cima a baixo. Ele vá lá, eu entendia. Que dizer de

um homem que iria se chamar José Romualdo, que por si só já é bastante antipático, mas a mãe achou o nome muito longo e resolveram emendar os dois em um só? Nome de gente que já nasce velha, havia medido a numeróloga, e ela estava certa. Além disso um nome cafona, nome de pedreiro. Ele que fosse viver naquele sítio. Eu não ia de jeito nenhum ficar longe da minha academia, da minha nutricionista nem das lojas de suplemento. Do cirurgião plástico tudo bem, porque o meu nem morava mesmo no Brasil. Peguei o último mote dele e disse, Mas, meu amor, pense um pouco: e se você se sentir mal durante a noite? Se precisar de socorro? Como será, morando tão longe de tudo? Ele apenas olhou pra mim e, agarrando a minha mão, disse com um olhar de aceitação, Se isso acontecer e eu morrer, é porque chegou mesmo a hora. Você sabe que eu acredito nisso, meu bem. Ninguém morre antes da hora.

Vamos ver, eu pensei.

Aproveitei uma das viagens mensais do Josualdo para visitar o sítio. Dirigi sozinha até lá. A viagem era pra durar pouco mais de duas horas, mas levei quase quatro, porque tive de parar algumas vezes pra perguntar o caminho; GPS não funcionava naquela maldita região. Retirei a chave do porta-luvas e assim que me dirigi para abrir o portão vi o caseiro, um senhor de pouco mais de cinquenta anos mas com uma aparência tão calejada que dificilmente passaria por menos de setenta, se arrastando para ser mais rápido do que

eu e abrir o portão para mim. Não fiz objeção e estacionei no terreno gramado assim que passei dele. Eu me apresentei após sair do carro e ele só fez dizer um Seja bem-vinda tão artificial que parecia nem saber o significado daquelas palavras. Na verdade, parecia ter sido treinado para dizê-las. Já tomou café da manhã, seu Geraldo? Perguntei só pra ver a reação dele, eu sabia que não. Ele baixou a cabeça e fitou o chão de terra batida, encabulado. Todas as semanas Josualdo mandava um motoqueiro entregar no sítio uma cesta básica e algum dinheiro. Era com essa ajuda que ele passava a semana. Eu havia dispensado o funcionário àquele dia justamente porque queria que fosse eu a levar. Seu Geraldo era viúvo e o único filho que teve havia morrido de alguma doença ocasionada por vermes, mas ele não parecia lamentar muito. Ou porque já fazia muito tempo ou porque essa gente é bruta mesmo. Voltei ao carro e apertei um botão. A tampa do bagageiro subiu e eu disse a ele, fazendo um gesto com o dedo, Vá ali atrás pegar, seu Geraldo. Antes de seguir caminhando para dentro da casa, deu tempo de ver seus olhos se arregalando com a surpresa, num incontido gesto de felicidade. Coitado, ficar alegre com uma cesta de alimentos e alguns míseros reais. Quem se contenta com tão pouco nunca sai do lugar, é no que eu sempre acreditei. A prova disso estava ali indo buscar, cheio de temor – talvez por receio de que depois eu fosse dar por falta de algo no carro e acusá-lo –, as coisas no bagageiro do meu carro.

Ainda era cedo, e era importante que fosse, porque eu queria conhecer melhor o lugar com a claridade do dia.

O terreno era muito maior do que eu imaginava. A casa tinha cinco quartos, uma cozinha enorme, sala de música, sala de jantar, um salão com mesa de sinuca e ping-pong e outra infinidade de coisas que eu não cheguei a ver porque não me interessavam diretamente. Quando comecei a explorar o resto do terreno percebi que havia, mais ao fundo, um poço redondo, de aparência muito antiga e cheio de água, quase escondido no meio de uma vegetação que eu não sabia se era apenas mato ou uma plantação de alguma coisa. A ideia que eu havia tido durante aquele jantar e que eu tinha rechaçado como tresloucada subitamente parecia fazer todo o sentido do mundo. Era quase como se eu tivesse tido uma premonição.

Voltei para casa e fui pesquisar na internet tudo o que eu precisava saber: “As piranhas são membros da família Characidae, uma grande família de mais de 1200 espécies. Pertencem a uma subfamília chamada Serrasalminidae, um nome baseado no fato de que todos os membros têm uma quilha afiada que torna o nado mais rápido. Apresentam dentes afiados e triangulares projetados para perfuração através de um efeito de esfaquear e depois rasgar a carne com apenas um movimento. Seus dentes não foram feitos para mastigar a carne, e sim para rasgá-la e engoli-la. Caso aconteça a perda de um dente outro logo nascerá em seu lugar”. Eu estava diante da descrição de um

animal que era uma verdadeira máquina para matar. Agora, era preciso colocar o plano em ação de forma muito paciente, algo que eu nunca fui.

Josualdo estava quase de volta, e sua próxima viagem estava prevista para dali a mais de um mês. Tínhamos uma fábrica de roupas populares para homens e mulheres. Fazíamos um produto que convencionou-se chamar de fast-fashion; essas peças de roupas baratinhas e que não duram muito, mas que quando o pobre coloca sobre o corpo fica até parecendo gente e dá pra entrar em outras lojas sem ser perseguido pelos seguranças. Eu costumava dizer que não fazíamos apenas roupa para esse público de cozinheiras, faxineiras, entregadores, repositores de produtos em prateleiras de supermercado, fazíamos disfarces. A fábrica ficava no Nordeste, onde as cidades do interior, quase sempre sedentas de tudo, se mostravam ávidas em dar benefícios a quem quer que aparecesse querendo empregar seus moradores. Nossa fábrica tinha mais de quatro mil costureiras. Às vezes mais, às vezes menos, a depender da época do ano. De lá, escoávamos a produção para várias lojas do país que vendiam nossa marca. Evidentemente que eu sabia dessas coisas pelo Josualdo. Nunca fui nem irei ao Nordeste – nem de praia eu gosto, odeio calor – e, claro, jamais pisarei num chão de fábrica desses, porque eu só ando onde me sinto bem. Josualdo gostava de fazer, ele mesmo, as viagens para negociar com vendedores e fornecedores. Não precisava fazer, poderia mandar outros diretores ou gerentes, mas quando a empresa começou, ainda

com o pai dele, que morreu num acidente de carro dentro da cidade, bestamente, as coisas funcionavam assim e haviam prosperado assim, por isso era dessa forma que ele queria mantê-las.

Quando ele voltou eu estava novamente apaixonada. Meu problema maior sempre foi o amor, porque o que eu conseguia vindo do gesto amoroso nunca me bastava, então eu precisava buscar outras formas de excitação. Como eu estava eufórica por conta das minhas descobertas, recebi Josualdo como se estivesse nos primeiros meses depois que o conheci. Parece que tem uma pessoa superempolgada com a ideia de ir para a nova casa, é isso mesmo?, perguntou ele assim que colocou a mala num canto do quarto e enquanto tirava a roupa com que havia chegado. Não é para tanto, eu disse, sorrindo. Mas estou disposta a conhecer melhor o lugar. Era mentira, claro, mas eu precisava fazê-lo acreditar naquilo. Vivemos dias de grande excitação. Como não tínhamos filhos – a primeira mulher dele, que foi trocada por mim, e a filha, não faziam questão de ter notícias dele –, nem animais de estimação perambulando pela casa – detesto bicho ocupando lugar onde passa gente –, a casa era toda nossa para fazermos o que quiséssemos. Nem nas pornochanchadas brasileiras se trepava tanto. Fosse no sofá, na cama, na cozinha, eu agarrava a mandíbula dele enquanto ele estava por cima e dizia, sem deixá-lo sair de dentro de mim, Quem é que gosta de ficar se dizendo velho, quem é? Certamente não esse safadinho aqui, e, invertendo as posições, cavalgava

ouvindo-o gemer, pra ele saber exatamente do que eu estava falando.

Mas era preciso ser prática, e eu tinha um plano para levar adiante.

Assim que o avião do Josualdo partiu para uma viagem de vinte dias pelo Norte eu voltei pra casa e fui me aprontar para a noite. Vesti uma roupa que marcava bem minhas curvas, coloquei uma blusinha cheia de brilho, passei da minha melhor maquiagem e um bom perfume e fui ser a puta que eu sempre quis ser no posto de gasolina onde eu sabia que ficavam vários caminhoneiros. Eles teriam a mulher mais bonita da noite, mais perfumada e com um arsenal de palavrões mais quentes para a hora da fudelância pelo preço mais barato daquele mercado noturno. Eu havia pensado minha estratégia por meses. Tinha de ser tudo muito meticuloso, qualquer erro acarretaria em um debacle do qual eu não me ergueria nunca mais, e o que optava fazer agora para ver uma ideia se transformar em realidade terminaria por ser forçosamente meu destino. Não há derrocada maior do que fazer por dinheiro o que se poderia fazer por amor – exceto se for em nome de um objetivo, claro.

Cheguei por lá, me sentei à mesa de um bar em frente ao posto e pedi uma cerveja. Eu não poderia ficar no ponto junto com as outras garotas porque elas poderiam se sentir ameaçadas e partirem para a agressão. E só de imaginar uma navalha rasgando meu lindo rosto em qualquer parte que fosse eu me desesperava. Esperei que os clientes chegassem. E não

demoraram. Logo um chegou e perguntou se podia sentar à mesa comigo. Eu disse que sim. Conversando com ele descobri que a rota dele nunca incluía a região que eu precisava, a do Tocantins. Ele disse que “o pessoal do Tocantins” chegava por ali no dia seguinte. Por conta dessa informação, eu dei pra ele de forma inesquecível, já imaginando a próxima noite. Ao final, ele perguntou há quanto tempo eu estava nessa vida. As meninas sempre pedem o pagamento adiantado, ele me informou. E quem disse que não foi esse o meu caso?, retruquei. Me levantei, vesti minha roupa e fui para casa. Ele ficou sem entender, e por mim tudo bem.

Na noite seguinte eu estava no mesmo lugar, esperando os motoristas que trafegavam pela região do Tocantins. Lairton apareceu e disse que estava partindo para lá pela manhã. Por que a garota quer saber? Porque preciso encomendar uma coisa que só tem por lá. E o que é? Eu quero três ou quatro piranhas-pretas, a legítima *Serrasalmus rhombeus*, que soltinha em seu habitat pode chegar a quarenta centímetros e quatro quilos. O homem se assustou. E pra que é que você quer um peixe perigoso desses? Percebi que ele ia fazer alguma piadinha infame, do tipo “piranha que coleciona piranhas”, mas o sorriso gaiato que precedia a piada se desfez quando, suponho eu, ele vislumbrou a possibilidade de não me comer mais. É para o meu marido, respondi. Só meio segundo depois me dei conta de que havia informado a ele que era casada. Ele nem sequer ergueu uma sobrancelha. Escrúpulos:

quem tem? Bom, de qualquer forma, não era mentira, afinal. Mas logo em seguida eu disse uma, Ele está querendo começar a criar piranha em cativeiro, e a melhor maneira de conseguir esses peixes é através de caminhoneiros que possam aceitar a incumbência. Posso recompensá-lo bem, continuei.

Lairton partiu para o Tocantins com duas certezas: a de que eu era uma mulher excêntrica – o que no vocabulário pedestre dele significaria apenas louca – e para ele certamente a mais importante: se ele voltasse para mim com as piranhas-pretas iria receber a melhor surra de buceta da sua vida, e ia poder conferir, em qualquer posição, que tanto eu quanto elas somos insaciáveis.

Antes do sexo, pra mim, sempre veio o amor. E é nessa questão que ao longo de todos os anos de minha vida estiveram centradas minhas maiores contendas e conflitos comigo mesma. Como se eu tivesse uma inflamação nas costas num ponto onde eu não pudesse alcançar sozinha e a visse infeccionar, estourar, o pus amarelo-esverdeado saindo de dentro aos borbotões, o cheiro acre invadindo minhas narinas e me queimando os olhos – um problema que eu sei que tenho, que posso sentir, ouvir, cheirar e ver – mas sobre o qual eu nada pudesse fazer porque minha mão não chega até ele, porque não posso tocá-lo. Então, para que eu possa me livrar do problema, estou constantemente dependendo da mão corajosa que espreme a ferida, por mais que tenha que ouvir meus gritos de dor. Os

dias passam, eu estou aparentemente curada, mas o pelo encravado que ocasionou a inflamação volta de tempos em tempos, de modo que me acostumei a viver com o problema, a administrá-lo. Foi assim desde a infância. Desde a minha primeira paixão, quando eu tinha tão pouca idade que ainda nem sabia que haveria de ser corrompida por um ideal inatingível de felicidade para o qual eu passaria a querer viver.

Minha mãe deu um grito quando viu minha calcinha melada de sangue aos onze anos. Meu Deus, minha filhinha menstruou, minha filhinha menstruou! Por que você não disse isso pra mim, Cacildinha? É Cacilda, mãe. E filha, disse a ela. Nunca gostei de diminutivos. Eu aqui preocupadíssima com sua nova situação e você preocupada com vocativos, é de lascar, minha filha! Mas se nem eu estou preocupada com isso, por que você vai estar?, retruquei.

Eu não estava atormentada com aquela novidade por um motivo muito óbvio: eu não estava menstruada coisa nenhuma. Eu tinha dado para um menino da minha rua na noite anterior e não vi que tinha escorrido aquele sangue pra minha calcinha, que joguei no roupeiro assim que cheguei, e que agora minha mãe encontrara quando fora pegar as roupas para lavar. Contudo, era preciso manter a justificativa criada por minha mãe, que não imaginava outra possibilidade além daquela, a de que minha menarca tinha chegado de forma talvez um pouco precoce demais, segundo ela.

Acho que já comentei que meu problema sempre foi o amor. Tudo começou ali. Eu fiquei viciada no Jorge. Mas quando a gente se encontrava, geralmente depois que ele voltava do colégio, ele sempre me dizia, Se descobrirem o que a gente anda fazendo eu estou morto. E era verdade. Jorge tinha dezessete anos, o que naquele tempo era uma grande diferença de idade: ele já estava de saída da escola, eu tinha acabado de deixar de chamar professora de tia. Mas dei porque quis, ele não me pressionou. Aliás, até a gente começar a criar uma rotina sexual, eu o achava até um cara meio morto, sem graça. Com o passar do tempo ele foi se soltando. Isso até eu falar em namoro. Tá louca, Cacilda, eu namorar uma menina de onze anos? Mas ninguém precisa saber... Eu quero namorar pra que você seja só meu, eu disse. Hoje, quando lembro dessa frase, gargalho sozinha da minha ingenuidade, embora eu sinta e saiba que aquela menina de onze anos nunca me abandonou completamente. Apesar de precoce para muitas coisas, para outras o romantismo que a construção social tenta incutir em quem nasce mulher se agarrou em mim com força. Jorge estava prestes a entrar na universidade, a descobrir o mundo das calouradas e farrinhas com os amigos, a conhecer corpos mais desenvolvidos, e não aquela menininha de voz fina e com duas pitangas no lugar dos peitos.

Acontece que àquela altura eu já era uma menina apaixonada, e a rejeição do Jorge foi o que estava faltando para eu liberar o ódio que, sem saber, vinha acumulando. Contei aos meus pais que Jorge tinha